

HISTÓRIA DAS PESSOAS COMUNS: DO ESQUECIMENTO À PRODUÇÃO ACADÊMICA

HISTORY OF THE COMMON PEOPLE: FROM OBLIVION TO ACADEMIC PRODUCTION

Francisco Joel Magalhães da Costa **1**

José Rogério Santana **2**

Carlos Gilano Andrade do Araújo **3**

Resumo: Este artigo objetiva compreender a trajetória histórica das pessoas comuns. A questão geral do estudo gira em torno da importância de se pesquisar as pessoas comuns, ignoradas pela História Tradicional, em nome dos reis, nobres, poderosos, políticos e militares, como as mulheres, crianças, negros, idosos. O texto pontua a inclusão delas na História, as investigações sobre suas experiências, saberes, práticas sociais, culturais e educativas. No terreno metodológico, através da pesquisa Estado da Arte, buscou-se mapear e classificar os trabalhos monográficos em nível de mestrado e doutorado, produzidos pelo NHIME, entre os anos de 2000 e 2018. Concluiu-se que os estudos sobre as pessoas comuns se evidenciaram a partir das Teorias da História, sobretudo com a historiografia francesa, através dos Annales e com a inglesa, por intermédio dos ingleses marxistas.

Palavras-chave: Humanidades. História vista de baixo. História da educação. Práticas educativas.

Abstract: This article aims to understand the historical trajectory of common people. The general question of the study revolves around the importance of researching common people, ignored by Traditional History, in the name of kings, nobles, powerful, political, and military, such as women, children, blacks, the elderly. The text highlights their inclusion in history, investigations into their experiences, knowledge, social, cultural, and educational practices. In the methodological field, through the State of the Art research, we sought to map and classify the monographic works at the master's and doctoral level, produced by NHIME, between the years 2000 and 2018. It was concluded that the studies on the common people were evidenced from the Theories of History, especially with the French historiography, through the Annales and the with English, through the Marxist English.

Keywords: Humanities. History seen from below. History of education. Educational practices.

- 1** Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor temporário no Centro de Desenvolvimento e Treinamento (CETREDE). Pesquisador do Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME) da UFC/CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9141101809118596>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8693-2954>. E-mail: joelmagalhaes1@gmail.com
- 2** Pós-doutor em História da Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professor associado I da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC). Participa do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6859739260962963>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8327-5864>. E-mail: rogesantana@ufc.br
- 3** Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (2008). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2018). Tem formação e experiência internacional na área de Arte, com ênfase em Arte Educação (Dança, Teatro e Artes Plásticas). Atualmente é coreógrafo e diretor artístico da EDISCA - Escola de Dança e Integração Social para Criança e Adolescente. Idiomas: Inglês, Francês e Espanhol. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3000021517876927>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5526-6629>. E-mail: gilanoandrade@hotmail.com

Introdução

Nas últimas décadas, a produção de textos científicos sobre as pessoas comuns cresceu no meio acadêmico, porém, ainda está longe de um estabelecimento disciplinar, quando deveria ocupar uma posição estratégica na História, nas Ciências Humanas e nas universidades. As pessoas comuns são as ignoradas pela História Tradicional, pautada pela resultante das ações dos grandes homens, notadamente os poderosos, políticos e militares. Entretanto, a História também é feita por pessoas comuns, a partir de suas ações e realizações cotidianas, de seus costumes, experiências e vivências, passadas de gerações e gerações. Podemos lembrar das crianças e jovens, das mulheres, dos negros e escravos, da grande massa de professores e professoras, entre outras categorias.

Este é um assunto abrangente, complexo e pode ser analisado sob diversos pontos de vista. Na perspectiva educacional, podemos questionar o “porquê” das pesquisas sobre as pessoas comuns. Do ponto de vista histórico, podemos identificar os momentos em que ocorreram a inserção das pessoas comuns na História, e a nacionalidade da historiografia responsável pela inclusão destas pessoas.

A trajetória investigativa dar-se início no período medievo, no qual não havia pauta histórica sobre as pessoas comuns, enquanto os gêneros históricos que predominavam abordavam os santos e o alto escalão da Igreja e os acontecimentos políticos e militares. No percurso cronológico surge o movimento renascentista com o olhar antropocêntrico e, mais adiante, no final do século XVIII, despontam as filosofias da História, debruçadas sobre as ideias do devir material, a evolução das espécies e o progresso dos seres humanos. No século XIX a historiografia reivindica um estatuto de cientificidade e passam a vigorar as teorias da História; constituem-se a Escola Histórica Alemã, a Escola Metódica e os paradigmas Historicismo, Positivismo e Materialismo Histórico. No século XX, despontam novas tendências na historiografia contra o pensamento positivista, a partir da constituição de escolas históricas importantes na França e na Inglaterra.

Na França, nas primeiras décadas do século XX, surge a Escola dos Annales com o objetivo de escrever uma nova história, mais totalizante, em oposição à História Tradicional, política, dos grandes vultos e acontecimentos. Na Inglaterra, nos meados do mesmo século, surge a Escola Marxista Inglesa, cuja produção intelectual estava voltada para o estabelecimento de ideias da História Social e da História Vista de Baixo, com a participação dos movimentos populares, como fator ativo do processo.

A história das pessoas comuns é, portanto, a valorização da experiência e vivências de pessoas vistas como “inferiores”, sobre as quais as pesquisas dos núcleos de história da educação dos programas de pós-graduação em educação têm se intensificado, provocando a fomentação da História da Educação e o enaltecimento da educação que, como recurso de investigação e transmissão, tem a responsabilidade de propagar os saberes dessa massa, que saiu do porão para o sótão.

Assim, a História da Educação se constitui em um importante recurso para a manutenção da memória de um povo, uma vez que ela “remete à memória cultural, às questões de cultura e das práticas educativas que são engendradas no cotidiano de cada sociedade, pelo Estado, pelas instituições não oficiais, grupos de interesses não escolares, professores, estudantes e outros atores sociais” (Morosini, 2006, p. 67).

Nessa perspectiva, foi criado, no final da década de 1990, o Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME), atrelado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGE) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC), pelos professores José Gerardo Vasconcelos, doutor em Sociologia pela UFC e professor titular da mesma instituição; e Maria Juraci Maia Cavalcante, doutora em Ciências Econômicas e Sociais pela Universität Oldenburg, Alemanha e professora titular da UFC.

A intencionalidade dos professores era desenvolver um amplo projeto de pesquisa chamado História e Memória da Educação no Ceará, por falta de uma literatura direcionada à história educacional local. O objetivo era realizar levantamento de fontes historiográficas, documentais, orais, impressas e iconográficas para reconstruir a história social, situando-a no tempo e no espaço, envolvendo diversos recortes, principalmente do território cearense e, eventualmente, nordestino e nacional.

Dessa forma, o NHIME passa a visitar espaços e atividades humanas imbricados à prática educativa e/ou prática cultural, que podem ser pesquisados e transformados em objeto de estudo histórico-educacional. Esse olhar totalizante remete à História Nova, da historiografia francesa e à História Social, sobretudo à História Vista de Baixo, da historiografia inglesa.

Nesse percurso, os novos campos de investigação da História se expandem na mesma proporção que se expande o universo dos historiadores. Estes passaram a se interessar por toda atividade humana, por tudo que tem um passado e pelas opiniões das pessoas comuns. Esse novo modo de olhar a história no Brasil foi motivado pelo avanço editorial no campo histórico, pelas traduções de bibliografia estrangeira e pela publicação de teses inspiradas nas problemáticas do cotidiano.

Essa mudança de caráter epistemológico no campo da História atingiu os programas de pós-graduação no Brasil, ampliando o polo investigativo histórico com novas abordagens metodológicas e temáticas. As disciplinas de História e História da Educação passaram a abordar novos temas como a sexualidade, a homossexualidade, o cotidiano, a condição feminina, a prostituição, a escravidão, a pesca, a renda de bilro, a imigração, a delinquência, as práticas culturais urbanas, entre outros. Nessa perspectiva, as pesquisas realizadas pelo NHIME/PPGE/UFC têm contribuído para a reflexão de um novo olhar histórico e de um novo modo de fazer história, além de reacender a memória de atividades das pessoas comuns que, de alguma forma, participaram da produção de conhecimentos e preservação da história do nosso povo.

Metodologia

Na tessitura e na investigação da história das “pessoas comuns”, os recursos metodológicos são imprescindíveis. Entre eles encontram-se alguns totalmente adequados à construção histórica de pessoas consideradas inferiores, pois não existem, de modo geral, uma bibliografia sobre elas. Nesse caso, os pesquisadores ao construir a história de tais pessoas, precisam ouvir as suas narrativas, precisam entrevistá-las, precisam ouvi-las, ou seja, dependem da tradição oral.

Baseado na memória e na produção de conhecimentos, buscou-se no terreno metodológico, através da pesquisa Estado da Arte, mapear e classificar os trabalhos monográficos em nível de mestrado e doutorado, produzidos pelo NHIME, entre os anos de 2000 e 2018. Esse tipo de pesquisa, segundo Ferreira (2002), tem o caráter bibliográfico com o desafio de mapear e discutir uma determinada produção acadêmica entre os diversos campos do conhecimento. Além disso, tem a função de responder os aspectos, dimensões e condições que têm sido produzidas determinadas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Ela recebe o reconhecimento por realizar uma metodologia de cunho inventariante e descritivo da produção acadêmica sobre determinado tema.

A tipologia da pesquisa é exploratório-bibliográfica, com análise de fontes secundárias, cujo estudo é pouco explorado, e tem como escopo esclarecer alguns conceitos e a relação entre eles. A abordagem da pesquisa é de cunho qualitativo, pois trata-se de uma pesquisa descritivo-interpretativa atribuída aos dados e informações observados, coletados, organizados e analisados.

Do período medievo à contemporaneidade: objetos de estudo da história

A História seguiu vários caminhos e proferiu diferentes discursos, ao longo dos séculos, gerando muitas indagações no decorrer de sua trajetória. Nessa questão, o ponto de partida é o período medievo, no qual desde os primeiros séculos, observa-se uma produção hagiográfica de santos, relatos de milagres, movimento de relíquias e listas episcopais.

Nesse contexto, a historiografia clerical se preocupava com os feitos de Deus e dos seus servos, além dos acontecimentos políticos e militares, sobretudo as guerras e biografias sobre a vida de soberanos. O relato histórico dos grandes homens e soberanos vence as especificidades das pessoas comuns, a indagação dos desígnios divinos sobrepõe a investigação das razões humanas, os aspectos morais e espirituais superam as vivências.

No contraponto dos valores atuais surge o Renascimento, nos séculos XIV e XVI, que

estabelece a ruptura definitiva entre a Idade Média e a Idade da Razão. Foi um movimento de renovação cultural e artística que se caracterizou pela retomada de temas, técnicas e ideais da antiguidade greco-romana. Já no século XIX predominaram as filosofias da história, notadamente sob os pensamentos francês (Voltaire e Condorcet) e alemão (Kant e Hegel). Para Bourdê e Martin (1983), as filosofias da história são uma nova maneira de reflexão sobre a História, cujas discussões principais são o devir material, a evolução das espécies e o progresso dos seres humanos. O homem neste contexto significa a espécie e não o indivíduo, nem as suas especificidades, experiências e vivências.

Ainda no século XIX surge a Teoria da História, uma nova forma de reflexão histórica. Com isso, o conhecimento histórico passa a ser visto como conhecimento científico e muitos historiadores deixam de buscar explicações globais e passam a preocupar-se com a pesquisa histórica em si, com explicações parciais, provisórias e objetivas. Ela corrobora, como campo de estudo, à compreensão da realidade e o seu registro, ou seja, compreende uma reflexão sobre a natureza do conhecimento histórico (Mauad; Grinberg, 2010).

Nesse momento em que a historiografia começa a se apresentar como científica, se constitui a Escola Histórica Alemã, compatibilizada às exigências da nova historiografia, pois sua visão histórica se alicerça numa rigorosa crítica de fontes, vistas como evidências deixadas pelos seres humanos. Contudo, seus objetos de estudo se encaminham por uma historiografia política, narrativa e não problematizada.

Um dos principais nomes da Escola Alemã foi o historiador alemão Leopold Von Ranke (1795-1886), principal influência da Escola Metódica, constituída na França, nas últimas décadas do século XIX, cujos princípios fundamentais foram expostos na Revista Histórica (1876), pelos historiadores franceses Gabriel Monod e Gustave Fagniez.

Para os metódicos, os documentos têm um valor absoluto e imprescindível para as investigações. Na visão deles, de acordo com Bourdê e Martin (1983), os documentos precisam ser, necessariamente, escritos como as cartas, correspondências, decretos e manuscritos diversos. Os documentos não escritos como os locais e monumentos, as estruturas sociais, as organizações e a oralidade não têm valor documental histórico.

Na tendência cientificista é importante lembrar dos paradigmas históricos como Historicismo, Positivismo e Materialismo Histórico, que nos ajuda a entender o contexto histórico de uma Europa oitocentista agraciada por um grande desenvolvimento do estudo da História e a valorização dos aspectos históricos, sobretudo com o surgimento dos primeiros cursos de História nas universidades, que discorriam, principalmente, sobre a História Universal, a reflexão sobre o ofício do historiador e do processo histórico como um todo.

O Historicismo, cujo principal nome foi Von Ranke, tinha a visão histórica sustentada no desenvolvimento, não o desenvolvimento material, mas sobre o aperfeiçoamento direcionado a uma meta conhecida.

O Positivismo, que tem o filósofo francês August Comte como um dos fundadores, defendia, segundo Linhares e Queiroz (2016), a neutralidade ante as análises sociais no campo da História e a regularidade das ações humanas baseada nos métodos científicos, difundidos pelas ciências naturais, com a certeza do progresso e constante desenvolvimento e aperfeiçoamento da humanidade, ainda atrelada ao caráter universal.

E por último, o Materialismo Histórico elaborado pelos filósofos alemães Karl Marx e Friedrich Engels. Este paradigma remete aos bens materiais implicados aos seres humanos, ao longo da vida, e suas formas de produção. Nas palavras de Linhares e Queiroz (2016), a proposta materialista se organiza em torno da possibilidade de construir uma escrita da História que contribuísse para o desenvolvimento humano e para a transformação social. A percepção e criticidade materialista-históricas sobre as classes sociais que formam as sociedades são evidências da preocupação sobre as pessoas comuns, no que diz respeito à escravidão, ao camponês, ao proletariado, ao trabalhador em geral, à exploração do trabalho e às desigualdades sociais e econômicas.

No século XX, ergue-se uma nova tendência da historiografia francesa contra o pensamento positivista da Escola Metódica, através da revista *Os Annales*, fundada nos anos 30 por Lucien Febvre e Marc Bloch. Para Bourdê e Martin (1983, p. 119), “a corrente inovadora [...] deriva a sua atenção da vida política para a atividade econômica, a organização social e a psicologia coletiva; esforça-se

para aproximar a história das outras ciências humanas”. Com esses argumentos, eles objetivavam agrupar, em torno de si, novos temas, novas abordagens, novos objetos e expressões do passado, temáticas esquecidas ou sem passado para a convencional. A nova escrita da História viria a causar rupturas e uma enorme influência àquele período, até aos tempos atuais.

A recente historiografia começou a se efetivar em 1929, a partir de Bloch e Febvre, historiadores franceses, professores de Estrasburgo e fundadores da Escola dos Annales. Considerada a primeira geração, foi iniciada com o lançamento da revista *Anais de História Econômica e Social* que, segundo Burke (1991), Bloch e Febvre, no papel de editores, buscavam lançar muito mais do que apenas uma revista histórica, eles queriam uma nova abordagem e a interdisciplinaridade da história.

Desse modo, a interdisciplinaridade como uma característica básica da Escola dos Annales e como campo de saberes, “soa como prática educacional inovadora de transformação e mudanças sociais. Isso ocorre quando há sistematização de matérias ou disciplinas integradoras e imbricamento de conteúdos, métodos, teorias e empirias” (Xavier *et al.*, 2018, p. 71). Nessa perspectiva, a revista tinha a função de ligar a história com as demais áreas do conhecimento: geografia, economia, sociologia e tantas outras disciplinas.

Ao lado da interdisciplinaridade tem-se a historiografia, que definindo-a de maneira simples, pode-se dizer que é o estudo da História, a Ciência da História que, no âmbito das análises dos contextos, tem o poder de gerar questionamentos acerca do tempo da história em perspectivas temporais de curta, média e longa. Pode-se dizer também, que a historiografia é o resultado de pesquisas de historiadores e seus relatos de experiências e acontecimentos passados, dentro de um rigor metódico e crítico, e não, um simples inventário bibliográfico.

Ano após ano, os Annales foram ganhando corpo, assumindo o epicentro de uma escola histórica, em defesa de uma nova história em perspectiva interdisciplinar, voltada para os problemas (Burke, 1991). Coadunando com a ideia de Burke, Cardoso e Vainfas (1997) afirmam que os Annales buscavam uma história problematizadora do social, com vistas para as massas anônimas e para os seus modos de viver, sentir e pensar, cuja estrutura em movimento enfatizassem as condições de vida material.

Os Annales com a história-problema provocaram uma ruptura com a História Tradicional, elevando o número de objetos de pesquisa e, conseqüentemente, ampliando as fontes, assim também fizeram os historiadores da História Vista de Baixo, que proporcionaram novas áreas de pesquisa e formaram uma base de diversas temáticas com possibilidades de exploração.

A história vista de baixo: investigação de todas as atividades humanas

No paradigma da História Vista de Baixo, vários historiadores potencializaram novas perspectivas de investigação do passado, que fossem além do paradigma tradicional e seus relatos de grandes acontecimentos e narrativas de grandes vultos. Tal proposição foi discutida na Inglaterra pelos historiadores Edward Palmer Thompson e Christopher Hill, nos anos de 1960. Precisamente surgiu no ano de 1966, quando Thompson publicou um artigo denominado *The History from Below*, no *The Times Literary Supplement*. Essa proposta atraiu “de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é frequentemente ignorada” (Burke, 1992, p. 41).

A citação exalta a importância do surgimento e das experiências de novos sujeitos históricos que, pela observação da História Tradicional, eram vistos sem importância. Ao invés disso, a História Vista de Baixo procura compreender e resgatar todas as atividades e sentimentos do passado de uma massa, anteriormente, negligenciada. Este é um processo que, nitidamente, amplia o campo temático e torna “a história das pessoas comuns como um campo especial de estudo” (Burke, 1992, p. 45).

Nessa perspectiva, a História Vista de Baixo enfatiza a história de indivíduos ou grupos sociais, ignorada e, às vezes, considerada perdida no passado, ou mesmo, com o passado, supostamente, inexistente. Assim, ela suscita a ideia de que muitos setores da população podem ser descobertos e

investigados. O conjunto de ideias constituinte deste terreno histórico pode auxiliar na instauração da identidade de indivíduos, classes e grupos inferiores. São indivíduos ou grupos sociais dos guetos, das ruas e dos bairros pobres, com histórias inexploradas que podem vir à tona e pesquisadas. Neste campo de investigação se concentram objetos e problemáticas mais específicos ligados à vida cotidiana. São atividades, modo de pensar e viver, e histórias de pessoas comuns, de pessoas anônimas, de delinquentes, de negros, de crianças e jovens e de mulheres.

Em suma, a Escola dos Annales com a proposta de uma Nova História e a Escola Inglesa com a História Vista de Baixo originam um movimento de renovação da história narrativa e do acontecimento, para exaltar a historiografia do problema, uma história voltada para todas as atividades humanas. Com isso, elas abriram um leque de possibilidades historiográficas e ampliaram novas perspectivas de objetos e fontes de pesquisa, para os pesquisadores de hoje e do futuro. São campos de saberes, categorias e conceitos que gravitam nas pesquisas do Núcleo de História e Memória da Educação – NHIME.

Inventário temático do Nhime: resultado e análise

Abordamos aqui os trabalhos acadêmicos coletados do repositório institucional da Universidade Federal do Ceará, que tem como propósito reunir, armazenar, organizar, preservar e disseminar a produção científica e intelectual da comunidade universitária pertencente à UFC.

Nessa produção acadêmica identificamos, muitas vezes, termos como história de vida, história oral, estudo de caso, história local, micro-história, fontes orais, narrativas orais e entrevistas. Estes termos são procedimentos metodológicos e estratégias básicas de investigação histórica, e são características da história das pessoas comuns e recursos que se enquadram em pesquisas envolvidas com os fenômenos culturais, sociais e educacionais

Esses recursos e estratégias unem fortemente as concepções históricas sobre as pessoas comuns com as dissertações e teses do NHIME, que apresentam histórias de vida de deficientes visuais, delinquentes, feirantes, grafiteiros, idosos, imigrantes, pescadores, jovens, pichadores, professores, crianças, mulheres e negros, que vivenciaram e vivenciam práticas culturais, sociais e educacionais nas escolas e universidades, lócus da educação formal; e noutros espaços, onde a educação está entremeada aos fatores religiosos, sociais e culturais como prostíbulos, terreiros, igrejas, comunidades quilombolas e pesqueiras, rodas de capoeira, praças e ruas de centros urbanos.

À guisa de ilustração e possibilidades de análise serão apresentadas algumas dissertações e teses. Iniciamos com a dissertação de Coimbra (2012) que revela o processo de inserção e permanência de alunos com deficiência visual no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Essa é uma discussão importante e deve estar em permanente pauta, porque o Brasil possui, segundo o IBGE (2010), cerca de 46 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, seja sensorial, física, mental ou intelectual, sem contar os transtornos como o autismo, a psicose, a neurose e a esquizofrenia.

São pessoas que fazem parte do campo da vulnerabilidade, que precisam de políticas públicas, sobretudo educacionais, para que tenham acesso e permanência nos sistemas de ensino e no mercado de trabalho. Nesse sentido, Alonso *et al.* (2022) destacam a importância do professor e sua formação, pois na opinião deles não é possível promover a educação inclusiva sem considerar o papel desse profissional, constituído responsável pelos processos de ensinar e aprender e pela garantia e efetivação dos direitos do educando.

A história dos delinquentes também é objeto de pesquisa entremeado no campo histórico das pessoas comuns. Ferreira (2014) faz um alerta sobre os perigos das drogas, através da biografia de um morador de rua e usuário de crack, cujo conteúdo derivam aos contextos e trajetórias do uso da droga, relacionados com os fatos e determinantes socioculturais. As drogas e o seu uso, por parte dos jovens, de acordo com Fialho (2012), tornaram-se um grande problema social no Brasil, e como consequência surge a violência, que cresce exponencialmente, preocupando a sociedade civil e o poder público. Nesse cenário, homens e mulheres, na maioria jovens, apresentam um quadro de comportamento ofensivo e às vezes criminoso. Tal condição gera estigma sobre o sujeito que se

comporta diferente dos padrões sociais, e passa a ser taxado de delinquente. Contudo, hoje, esta terminologia é bastante questionada e procura-se dizer “jovens em conflito com a lei”.

Os grafiteiros e o grafite são objetos de exclusão, entre os campos de estudo da história das pessoas comuns. A autora Pereira (2012), em sua dissertação, retrata os dilemas urbanos, através das inscrições urbanas, por meio do grafite, que possui história, regras, vestuário e vocabulário próprios, com possibilidades de levarem os sujeitos ao aprendizado e oportunidades que podem ser aproveitadas, porém vivem conflitos e aventuras, deixando-os à condição de exclusão.

O olhar censor também recai sobre os pichadores. Nessa perspectiva, a história dos pichadores, investigada pelo pesquisador Santiago (2011) revela que os pichadores são sujeito ousados e transgressores que usam o spray e a escrita para mostrarem as suas percepções à sociedade, cujo estrato moralista os tratam como vândalos, marginais e criminosos.

O grafite e a pichação, de modo geral, estão associados aos jovens. Estes vivem em um lado da realidade, e do outro lado, os idosos. “Jovem hoje, velho amanhã”, diz Kirkwood (2001, p. 15). O idoso, em quase todos os países desenvolvidos, é considerado um peso morto. Mas em algumas comunidades da África Ocidental, quanto mais velho maior posição ele tem na escala social.

A história dos idosos está retratada na pesquisa de Brito (2008), que acredita na riqueza de informações existentes na memória dos idosos. São vivências e experiências que poderiam permanecer no esquecimento ou no anonimato, não fosse o trabalho dos pesquisadores. Dessa forma, a inclusão do idoso no contexto escolar pode implicar em importantes resultados na formação de alunos e na práxis do educador.

O professor é outro autor social alijado e mal tratado pela sociedade. Em sua maioria não é reconhecido, mesmo que preste um papel importante à comunidade, mesmo que eduque a todos, inclusive aos outros profissionais. A luta que o professor enfrenta é desleal, ele se defronta com as estruturas precárias no seu espaço de trabalho e tem que se conformar com a baixa remuneração.

Para representar a história dos professores, podemos citar a dissertação de Mota (2011), que discorre sobre o curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri (URCA), a sua matriz curricular e a influência na prática pedagógica de alunos que já exercem, profissionalmente, a função docente. A autora expõe a sua percepção sobre a relação professor e aluno, a organização do trabalho docente em sala de aula, a identificação dos procedimentos avaliativos e a aprendizagem resultante da formação inicial.

Em outra dissertação, Oliveira (2018) pontua que a escolha do curso de Pedagogia não é a primeira escolha, mas uma consequência da não aprovação no curso pretendido, da menor concorrência do curso, do fato de ser ofertado à noite e da vinculação de parente com a educação.

A história dos professores é digna de pesquisa, por quê? Primeiro, é importante entender o que é ser professor, porque existe uma ideia de que qualquer pessoa que saiba alguma coisa pode ser professor. Se qualquer pessoa pode ser um professor, por que existem cursos de ensino superior para formar professores? Para Libâneo (1990), a formação docente é um processo pedagógico, intencional e organizado, de preparação teórico-científica e técnica para dirigir competentemente o processo de ensino. O autor ainda destaca o desempenho do professor e o seu papel, que é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, na vida cultural e na política. Atividade indispensável para a formação cultural e científica do povo, sobretudo para outras conquistas democráticas.

Na primeira pesquisa sobre a história das crianças, Castro (2017) destaca a contribuição da Creche da Madame, localizada no município de Horizonte-CE, para a formação integral das crianças e a importância do espaço para a vida política, social e educacional da cidade.

No segundo trabalho, Lima Neto (2016) pontua as narrativas de alunos do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Pacajus-CE sobre o entendimento da representação da sala de aula e a relação que eles fazem desse espaço com o saber. O autor ressalta que os alunos participantes de uma atividade que propõe a produção de narrativas, história de vida e memória, sentem-se parte integrante do processo escolar, elevando a autoestima e o pertencimento à escola, pois se tornam protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

No terceiro estudo, Nascimento (2017) analisa os elementos de mobilização e os sentidos que impulsionam jovens e adultos a permanecerem na escola, a saber: pressão familiar e social para a conclusão do ensino básico, melhor posição no mercado de trabalho, gosto pelo estudo e a

oferta dos sistemas de educação para jovens e adultos, que é melhor do que a escola regular.

Os atores infanto-juvenis, como sujeitos históricos, foram invisibilizados pela história tradicional. Para Ariès (1981), a ideia de infância não existia até a Idade Média, as crianças até os sete anos eram vistas como animais ou miniaturas de adulto, contudo, durante o século XVII, na França, surgiram documentos e cartas expressando interesse dos adultos pelo comportamento das crianças. Já na visão contemporânea e pessimista de Bauman (2013), os jovens não mais fazem parte do discurso sobre a promessa de um futuro melhor, hoje estão incluídos na relação dos quase totalmente dispensáveis, não fosse o potencial de consumo. Eles são vistos como um novo mercado a ser explorado, por meio de uma cultura que comercializa todos os aspectos da vida das crianças e dos jovens, através das novas tecnologias digitais.

O aprofundamento dos estudos sobre as crianças e jovens é relevante porque abrange temas como a maternagem, desenvolvimento, interação, proteção, saúde, educação, aspectos sociais e políticos, entre outros. Como disse Libâneo (1990), eles se tornarão cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho e na sociedade.

O campo de estudos das crianças e dos jovens foi negligenciado pela História Tradicional, assim o foi das mulheres. Estas compõem a história das mulheres deste trabalho, composto por quatro dissertações e quatro teses, das quais serão expostas uma de cada categoria.

Na dissertação “Trajetórias de formação e profissionalização das professoras leigas do município de Itapiúna/CE”, Araújo (2010) foca as vivências e experiências de mulheres no campo da docência, ao mesmo tempo que cursavam os ensinamentos de primeiro e segundo graus, no período de 1960 a 1990, quando ficaram evidenciadas as dificuldades frente às condições precárias de trabalho, por conta de elementos do contexto histórico e geográfico da região.

Já na tese “A tradicional escola normal cearense chega ao bairro de Fátima: formação das primeiras professoras primárias (1958-1960)”, Araújo (2014) disserta sobre o currículo, os aspectos pedagógicos, planejamento de aulas e a preparação da prática docente ou tirocínio das normalistas.

Acredita-se que a História das mulheres tenha se originado na década de 1960 com a militância feminista, encabeçada pela academia, o que pode ser dito que este campo tem o seu início ligado à política. Nessa perspectiva, Cardoso e Vainfas (1997) sinalizam que foi a partir dos movimentos feministas que surgiram reivindicações das vozes femininas, forjando um volumoso número de perguntas por parte de estudantes e docentes, os quais propuseram a criação de cursos nas universidades voltados para o estudo das mulheres.

A história das mulheres foi construída com luta. O mesmo aconteceu com a História dos negros, a qual nos remete a Burke (1992) quando argumenta que a história vista de baixo tem um papel importante de nos fazer lembrar que a nossa identidade não foi estruturada somente por monarcas. Ela também nos faz refletir acerca da afrodescendência que faz parte da formação da nossa identidade. Desse modo, para reforçar esta afirmação, vejamos a colaboração das pesquisas acerca das histórias de maracatu, de capoeira, de quilombola e de candomblé, que cabem dentro de um tema mais geral que é a História dos negros.

Na história dos reis e rainhas do maracatu, Carneiro (2007) versa sobre o movimento dos maracatus urbanos de Fortaleza, do qual são reveladas a cultura africana e a história dos negros no Ceará. Este movimento procura evidenciar o processo educativo no interior do maracatu, através da dança dramática-religiosa de base afrodescendente, cuja construção envolve pessoas comuns e anônimas, que se transformam em personagens que compõem o cortejo africano.

Na história dos capoeiristas de Angola no Ceará, Câmara (2010) disserta sobre a prática pedagógica da capoeira de Angola, uma prática que traz, imbricada em si, definições de jogo, de luta, de dança e de brincadeira como caracterizações de saberes, que remetem à raiz afrodescendente.

Na história dos quilombolas, Supupira (2015) ressalta as histórias de vida de remanescentes quilombolas do povoado Boqueirão da Arara no estado do Ceará, com foco nas práticas educativas e culturais disseminadas, num esforço de perceber a existência de traços ancestrais africanos, bem como verificar os saberes tradicionais herdados dos antepassados e difundidos entre as gerações.

Na história dos candomblecistas Ketu, Barbosa (2018) identifica as práticas educativas não-formais e informais, transcorrentes no cotidiano ritual de um terreiro de candomblé, em Fortaleza, que é visto como um espaço construtor de saberes, legitimado pela tradição oral e pela memória ancestral, carregado de histórias, ritos, signos, tradição e experiências.

Silva e Nascimento (2022) apontam para a importância de entendermos que um espaço de discussão que pautam as questões étnicas e de gênero se torna um espaço político. Nesse viés, os negros, do ponto de vista histórico, estão na raiz e fazem parte estruturante da nossa sociedade, cuja participação passa pelas questões de exploração, de crueldade e abandono. O segmento negro, na perspectiva social, está envolvido nas principais problemáticas da vida cotidiana, e relacionado com a economia, a segurança, a educação e as relações étnico-racial-sociais.

Vê-se que essas pessoas comuns têm passado e histórias que podem ser importantes objetos de estudo. Elas não podem ficar esquecidas como deseja a historiografia tradicional. Porque pelas práticas sociais, culturais e educacionais vistas em suas histórias de vida, há uma contribuição importante para a produção do conhecimento. Dentro desta visão, o NHIME, de acordo com o seu objetivo de desenvolver um amplo projeto na linha da História da Educação, com foco em novas fontes para reconstruir a história social, cultural e educacional local, traz à tona, através de seus pesquisadores, as histórias das pessoas comuns.

Considerações finais

No intento de conseguirmos o objetivo, proposto neste artigo, vasculhamos as dissertações e teses produzidas pelo NHIME, armazenadas no repositório da UFC, mais precisamente na comunidade FACED, atrás de elementos teórico-metodológicos pertencentes à linha de investigação da história das pessoas comuns.

Sabemos que o movimento dos Annales foi criado por dois professores de Estrasburgo, no final da década de 1920, que tinham como meta o estabelecimento de uma nova historiografia, com caráter interdisciplinar, aliada a outras disciplinas das ciências humanas. Esta investida teórico-metodológica souou como uma reação à historiografia tradicional, na qual, seus historiadores dispndiam muito tempo com a história linear e positivista, cuja preocupação se voltava para os grandes acontecimentos e grandes vultos. No entanto, a recomendação dos Annales aos seus historiadores era a de investigar tudo que tinha história, tudo que tinha um passado e a todas as atividades humanas, com objetivo de escrever uma nova história.

Também temos ciência do movimento inglês, cujo grupo de historiadores procuravam estabelecer as ideias atreladas à concepção da História Vista de Baixo, com a participação dos movimentos sociais, de forma ativa, com objetivo de valorizar as experiências das pessoas comuns.

Assim, os campos históricos esquecidos ou negligenciados pela história tradicional passaram a ser considerados como objetos de estudo importantes para a historiografia, a saber, a história das pessoas em geral, mulheres, crianças, loucos, marginais, negros, entre outros, cujos saberes e experiências não poderiam continuar execrados da história.

Nessa perspectiva, a pesquisa trouxe à baila 52 produções que se enquadram no objetivo proposto, ou seja, nas concepções da história das pessoas comuns. Essas pesquisas apontaram o interesse sobre as práticas sociais, culturais e, principalmente, educacionais, ampliando do ponto de vista teórico, o quadro da História da Educação e valorizando as investigações sobre a vida social, cultural e educacional de pessoas comuns que fazem a sociedade local. São histórias de crianças, de pescadores, de professores, de grafiteiros, de pichadores, de pessoas com deficiência visual, de delinquentes, de mulheres e de negros, em diferentes espaços como escolas, universidades, ambientes naturais, terreiros, quilombolas, praças e ruas.

Referências

ALONSO, Monserrat Alonso. A educação inclusiva e a formação continuada docente. **Revista Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 13, 2022.

ARAÚJO, Maria das Graças de. **Trajetórias de formação e profissionalização de professoras leigas do município de Itapiúna/CE**. 2010. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. **A tradicional escola normal cearense chega ao bairro de Fátima: formação das primeiras professoras primárias (1958-1960)**. 2014. 307 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

BARBOSA, Madelyne dos Santos. **Rituais totêmicos e práticas educativas de um candomblé Ketu em Fortaleza**. 2018. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. [S.l.]: Publicações Europa América, 1983.

BRITO, Luisa Amanda Santos. **Memória social e memória educacional: o caso do grupo de idosos São José do bairro Seminário, Crato-CE**. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a escola dos annales (1929-1989)**. Trad. Nilo Odália. São Paulo: Unesp, 1991.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

CÂMARA, Samara Amaral. **Práticas educacionais transmitidas e produzidas na capoeira Angola do Ceará: história, saberes e ritual**. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínio da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, Mário Henrique Thé Mota. **Reis, rainhas, calungas, balaios e batuques: imagens do maracatu Az de ouro e suas práticas educacionais**. 2007. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CASTRO, Mayara Alves de. **Narrativas de professores da creche da Madame, no município de Horizonte-CE: Espaço e formação integral da criança**. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

COIMBRA, Fernanda Cristina Correa Lima. **Aluno com deficiência visual: perspectivas de educação profissional inclusiva na história e na memória do Instituto Federal do Pará – campus Belém de 2009 a 2012**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas estado da arte. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, Ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2018.

FERREIRA, Tereza Maria da Silva. **Crack: práticas educativas e culturais na trajetória de um dependente**. 2014. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FIALHO, Lia Machado Fiuza. **A experiência socioeducativa de internação na vida de jovens em conflito com a lei**. 2012. 359 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

IBGE. **Pessoas com deficiência**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em: 21 dez. 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

LIMA NETO, José Melinho de. **O ambiente escolar e a relação com o saber: história de vida, memória e narrativas de alunos do ensino fundamental**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

LINHARES, Juliana Magalhães; QUEIROZ, Priscilla Régis Cunha de. **Teoria da História I**. Sobral, CE: [s.n.], 2016.

KIRKWOOD, Ton. **Os melhores anos de nossas vidas**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAUAD, Ana Maria; GRINBERG, Lucia. **Teoria da História**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010. v. 2, 356p.

MOROSINI, Marília Costa (Org.). **Enciclopédia de pedagogia universitária: glossário**. v. 2. Porto Alegre: IINEP/RIES, 2006.

MOTA, Maria É Braga. **O curso de pedagogia da URCA, sua matriz curricular e a influência na prática pedagógica dos alunos que exercem a profissão docente**. 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

NASCIMENTO, Thalyta Vasconcelos do. **Narrativas dos alunos do Centro de Educação de Jovens e Adultos professor Gilmar Maia: móveis e sentidos na relação com o saber**. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

OLIVEIRA, Carla Dolores Menezes de. **Habitus, representação social e formação docente: a escolha profissional do curso de pedagogia por alunos de uma universidade federal do Nordeste brasileiro**. 2018. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

PEREIRA, Aleksandra Previtalli Furquim. **O Benfica dos grafites nos anos 2000**. 2012. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTIAGO, Naigleison Ferreira. **Gangues da madrugada: práticas culturais e educativas dos pichadores de Fortaleza nas décadas de 1980 e 1990**. 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SILVA, Giselle Oliveira da; NASCIMENTO, Michele dos Passos. Nossos passos vêm de longe: a história das feministas negras para que hoje possa ser. **Revista Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 13, 2022.

SUCUPIRA, Tânia Gorayeb. **Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas**. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

XAVIER, Antônio Roberto *et al.* Interdisciplinaridade e outros níveis de conhecimento: desafios contemporâneos às práticas educativas. **Revista polêmica**, v. 18, n. 1, p. 68-83, jan./mar. 2018.

Recebido em 19 de setembro de 2022.

Aceito em 23 de novembro de 2023.